

JOÃO BATISTA DEBRET

QUANDO o govêrno de D. JOÃO VI aceitou as sugestões do conde DA BARCA, AN-TÔNIO DE ARAÚJO AZEVEDO, e incumbiu o marquês DE MARIALVA de organizar "Missão Artística Francesa", destinada a criar no Rio de Janeiro uma Escola de Belas Artes, achava-se no ostracismo, declarado ou dissimulado, grupo seletivo de partidários de NAPOLEÃO, que ansiavam por afastar-se do país.

Entre os mais ardorosos, distinguia-se JOAQUIM LEBRETON, recentemente demittido do cargo de secretário perpétuo, que exercera por mais de um decênio, e excluído das duas classes a que fôra levado pelos próprios méritos, de Ciências Morais e Políticas e de Belas Artes do Instituto de França.

Comprazia-se na convivência de artistas, de sorte que não lhe foi difícil agremiar os que se julgavam perseguidos pelo regime de Luís XVIII.

Sabia que J. B. DEBRET, depois de adquirir lisonjeira nomeada com os seus quadros, em grande número dedicados a NAPOLEÃO, não se conformara com as conseqüências políticas da derrota do seu herói, ao tempo em que lhe penetrara o luto no lar, que não mais teria sucessores.

Angustiando-se na França, onde sofrera tão dolorosos golpes, aceitara de bom grado qualquer proposta de evasão.

A princípio, tencionava seguir para a Rússia, cujo Imperador ALEXANDRE I pretendeu levar a São Petersburgo o pintor francês e um arquiteto, que seria GRANJEAN DE MONTIGNY.

Ainda permaneciam irresolutos, quando, "nesta mesma ocasião, informa A. DE TAUNAY em excelente ensaio, LEBRETON, que acabava de ser excluído do Instituto de França e tratava de executar a comissão que lhe dera o marquês DE MARIALVA, propôs a GRANDJEAN e a DEBRET a viagem ao Brasil, sendo a idéia bem aceita de ambos".

Também a família TAUNAY, constituída de NICOLAU ANTÔNIO, pintor acatado, seus filhos, que já se revelavam dignos de continuar-lhe a fama, e o irmão AUGUSTO, escultor, não tardaria a completar a "Missão Artística", juntamente com parceiros de várias aptidões, cada qual em sua especialidade.

Dispostos à transplantação aventureira, partiram do Havre, a 22 de janeiro de 1816, a bordo do navio americano "Calpe", fretado para os transportar ao Brasil.

Sòmente a 26 de março, porém, terminaram a morosa travessia no pôrto do Rio de Janeiro, onde os esperava a boa vontade e simpatia do govêrno.

Maravilharam-se os artistas diante do grandioso panorama que lhes proporcionou a baía de Guanabara, para cujos encantos se harmonizavam as montanhas envolventes, as florestas, que lhes amantavam de verde as encostas, as águas tranqüilas de tal maneira que tomavam as feições de rio.

Especialmente DEBRET, que necessitava, mais do que nenhum outro, esquecer as mágoas recentes, causadas pelo falecimento prematuro do filho único.

Não obstante o cordial acolhimento, que tiveram, não conseguiram atuar como aspiravam.

Antes de concretizar o plano luminoso que ideara, baqueou, a 21 de junho de 1817, o conde DA BARCA, principal animador da reforma projetada.

Mal decorrerá um biênio e também emudecia o diretor escolhido, LEBRETON, cujo desaparecimento, a 9 de junho de 1819, contribuiu para retardar a criação do estabelecimento de ensino artístico, de acôrdo com os moldes esboçados.

Todavia, com vários colegas, perseverou DEBRET até julho de 1831, quando regressou a Paris, onde lhe concedera a Academia de Belas Artes do Instituto de França o título de membro correspondente.

Durante os três lustros que viveu no Brasil, não cuidaria o pintor apenas de evidenciar a sua dedicação ao ensino, em beneficio da mocidade.

Hostilizado embora pelo diretor da Escola nascente, HENRIQUE JOSÉ DA SILVA, depois que não mais o podia amparar o conde DA BARCA, não desanimou diante dos obstáculos gerados pelos regulamentos tendenciosos.

Se oficialmente lhe dificultavam empreender a iniciação da nova geração na pintura, motivo de sua presença na capital do Brasil, nada impedia que abrisse aula particular, gratuitamente franqueada a quem lhe quisesse aprender a técnica e interpretação de motivos pictóricos.

E ao fim de breve prazo, com as telas dos alunos, de mistura com as suas próprias, organizou mais de uma exposição, indicativa da influência que estava exercendo entre os estudantes.

Durante a luta pertinaz contra a diretoria, declaradamente contrária aos mestres franceses, aprazia-lhe estudar a terra do Brasil e a sua gente, de sorte que, de volta à França, levava material precioso para futura utilização.

Se procedesse como outros colegas que, de novo em sua pátria, somente se ocupavam de atividades artísticas, conseguiria quando muito dar maior brilho ao renome conquistado outrora.

Diversamente dos exemplos alheios, porém, cuidou de ultimar os trabalhos encetados e, logo que foi possível, entregou aos prelos a obra que lhe outorga direito a figurar nesta galeria.

Constitui in-folio em três volumes, com o título de Voyage Pittoresque et Historique au Brésil, ou Séjour d'un Artiste Français au Brésil, depuis 1816 jusqu'en 1931 inclusivement, Dediée à l'Académie des Beaux Arts de l'Institut de France.

No primeiro volume, que veio a lume em 1834, declarou o autor: "l'ouvrage que j'offre au public est une description exacte du caractère et des habitudes des Brésiliens en général".

E adotando a ordem lógica de sua preferência, começou pelo estudo minucioso dos primitivos habitantes do Brasil.

O texto, em que arrolou, para a descrição respectiva, inúmeras tribos indígenas, completou-se com as ilustrações que desenhou especialmente para tal fim.

Algumas já tendiam ao desaparecimento, de sorte que a informação do artista redobra de valia, ao assinalar os traços característicos dos grupos evanescentes.

Além dos tipos humanos, representativos de cada tribo, reuniu também em uma fôlha os vários tipos de construções usadas pelos indígenas.

À última página, anexou uma carta do Brasil, em português.

No volume segundo, que atravessou os prelos em 1835, espelham-se os "Moeurs et usages des Brésiliens civilisés".

A propósito da evolução da capital do Brasil, que lhe inspira exaltados louvores, afirma erroneamente: "sous le ministère de Pombal, Saint Sébastien du Rio de Janeiro devint une des villes les plus importantes de l'Amérique portugaise; en 1753, le ministre y envoya son frère Carvalho en qualité de Gouverneur".

Se, porém, resvala em descuidos históricos, ao transferir para o Sul a atuação de FRANCISCO XAVIER DE MENDONÇA FURTADO na Amazônia, sai-lhe mais verdadeira a descrição do que observou:

"Le sol de la ville est assez irrégulier. Les rues sont un peu étroites, mais bien alignées; les principales ont des trottoirs".

E acrescenta, "Rio de Janeiro est le principal entrepôt du commerce du Brésil."

Em seguida à capital, trata resumidamente das províncias, definidas pelos traços fundamentais.

As ilustrações revelam cenas típicas da vida brasileira naquela época, suficientes para justificativa do lisonjeiro acolhimento que o livro encontrou nos meios interessados em conhecer o Brasil.

Termina o volume com a carta da baía de Guanabara.

O terceiro e último, retardado até 1839, ocupou-se especialmente da história política e religiosa, mas as ilustrações ainda continuaram a série iniciada anteriormente.

Por fim, uma carta da cidade do Rio de Janeiro.

Desta maneira, conseguiu apresentar aos seus patrícios, em linguagem atraente, admirável panorama da região tropical que tivera ensejo de examinar e apreciar.

Não pretendia elaborar trabalho geográfico, nem as suas pesquisas se orientaram por métodos peculiares ao ramo.

Todavia, tratou carinhosamente dos gêneros de vida, dos aspectos econômicos e sociais, por maneira que a sua contribuição avulta como indispensável a todas as brasilianas.

"Não há obra que se compare a Voyage pittoresque et historique au Brésil para o estudo da região fluminense, ao começar o século XIX", conceitua A. DE TAUNAY.

Mercê do seu trabalho, descontados os equívocos, que não lhe prejudicaram a essência, conseguiu ingressar no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

E ao agradecer, a 1 de novembro de 1839, a sua eleição para membro correspondente, enumerou os títulos que lhe cabiam:

"Ancien Premier Peintre et Professeur de la classe de Peinture d'Histoire de l'Académie Imperiale de Beaux Arts de Rio de Janeiro, Peintre particulier de la Maison Impériale Brésilienne, chevalier de l'ordre de Christ; correspondant de l'Institut Royal de France pour le Brésil, et membre de l'Institut Historique de Paris".

Tal era o artista que faleceu, octogenário, a 28 de junho de 1848, pois nascera em Paris a 18 de abril de 1768 e cujo nome figura em telas inúmeras e, com maiores títulos à imortalidade, na obra escrita, de singular valia geográfica.

VIRGÍLIO CORREIA FILHO.

